

Futebol americano no Brasil: entre o crescimento de audiência e a falta de estrutura

A NFL, liga profissional norte-americana, já tem base de fãs consolidada no país. Ao mesmo tempo, times nacionais ainda vivem no amadorismo.



Jogadores da seleção brasileira de futebol americano antes de jogo contra a Austrália. Foto: Divulgação/CBFA

O futebol americano é um dos esportes que mais cresce no Brasil. Segundo pesquisa do grupo IBOPE Repucom, cerca de 21 milhões de pessoas no país se declaram fãs da modalidade. Em 2015 esse número era de 14,4 milhões, de acordo com números do próprio instituto.

Uma outra pesquisa feita em 2015 pelo grupo Global Web Index e divulgada no jornal inglês *The Independent* apontou o Brasil como o terceiro maior mercado da NFL, liga profissional estadunidense do esporte, atrás apenas do próprio EUA e do México. A liga tem desde 2016 uma conta nas redes sociais em português direcionada para o público brasileiro e no meio deste ano lançou uma loja online com produtos oficiais para o país.

Um relatório da NFL de março deste ano colocou o Brasil como um dos países alvos para a expansão global da liga, ao lado do Reino Unido, Alemanha, México, Canadá, Japão e Austrália. A prefeitura de São Paulo chegou a negociar com a NFL em 2019 a realização de um jogo da liga por aqui, informação dada pela colunista da *Folha de São Paulo*

Mônica Bergamo e confirmada pelo Secretário de Turismo do município à época, Orlando Faria.

Ao mesmo tempo, o número de praticantes também é ascendente. O primeiro jogo com equipamentos (capacete, ombreira etc) no Brasil foi realizado apenas em novembro 2007 e hoje o país já tem cerca de 442 times e 18 mil atletas em todas as 27 unidades federativas, segundo a Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA). Mesmo assim, o esporte é amador no país. Os jogadores pagam para jogar e as equipes sofrem com uma estrutura precária e falta de recursos.

No último mundial masculino da modalidade, realizado em 2015 nos EUA, os “Onças” apelido da seleção brasileira, participaram pela primeira vez, depois de eliminarem o Panamá nas eliminatórias das Américas. A equipe ficou na sétima posição com duas vitórias e duas derrotas.

Pedro Pinto, que faz parte da comissão técnica do time Vasco Almirantes e foi comentarista de NFL nos canais Esporte Interativo, diz que o crescimento começou de forma mais intensa no meio dos anos 2000. Ele conta que notava o aumento no número de fãs através de uma mudança de mentalidade de parte do público na época que trabalhava na TV. Se no começo as transmissões focavam em explicar as regras do jogo para angariar público, com o tempo a audiência exigia análises mais táticas da partida.

“Das primeiras transmissões que fizemos para cá aumentou muito a demanda por uma análise mais profunda da partida, de falar de conceitos táticos, decisões de treinadores e não só explicar por baixo o que estava acontecendo. Existe hoje esse amadurecimento do público brasileiro, o que prova também o boom do esporte por aqui.”

Crescimento de audiência da NFL no Brasil

O primeiro contato do público brasileiro com o esporte foi em 1969. A extinta TV Tupi recebeu de graça VTs de jogos da NFL da emissora americana CBS, que tinha a intenção de criar uma base de fãs do esporte no país. Na narração, a emissora colocou o produtor musical e radialista Walter Abrão (conhecido por ter descoberto a cantora Elis Regina), que não conhecia as regras do jogo. Ao clamar ajuda dos telespectadores em sua primeira transmissão, recebeu um telefonema do estadunidense Thomas Noonan, na época funcionário do City Bank em São Paulo, e ao dizer que conhecia um pouco sobre o esporte, virou comentarista das partidas.

Foram 18 meses de transmissões, mas sem o resultado esperado, a CBS parou de mandar as fitas dos jogos para a Tupi. O futebol americano só voltaria a televisão brasileira no fim dos anos 1980 com a TV Bandeirantes, que comprou os direitos de algumas partidas da NFL para integrar a vasta programação esportiva da emissora à época. Na voz de narradores como Luciano do Valle, os telespectadores puderam ver cinco “Super Bowls”, a final da liga americana, ao vivo. Além disso, algumas reprises esporádicas eram transmitidas no programa “Faixa Nobre do Esporte”.

As transmissões dos jogos ao vivo de forma recorrente só vieram mesmo com a TV por assinatura. De forma ininterrupta desde os anos 1990, a NFL já foi transmitida por ESPN, atual detentora com exclusividade dos direitos de exibição, Sportv e Band Sports. A liga ainda voltaria a TV Aberta pelas parabólicas com o Esporte Interativo entre 2012 e 2017.

O espaço do esporte na TV é uma prova do seu crescimento. Se há 20 anos eram transmitidos no máximo dois jogos por rodada na ESPN, alguns deles sem narração em português, a emissora do Grupo Disney hoje transmite entre sete e nove partidas, além de um programa de debate semanal sobre a NFL.

E os resultados de audiência são positivos. O canal lidera a audiência da TV paga com jogos dos playoffs, fase final da competição, e vê suas cotas de patrocínio serem preenchidas ano após ano. No Super Bowl 54, realizado em 2020 entre Kansas City Chiefs e San Francisco 49ers, a transmissão no Brasil teve anúncios de 37 marcas de 29 setores diferentes segundo o grupo Kantar Ibope Media.

Para Pedro Pinto, os narradores e comentaristas tiveram papel decisivo no crescimento da modalidade. Ele reconhece a importância da ESPN, principalmente da dupla Everaldo Marques e Paulo Antunes, titular das transmissões da NFL durante 15 anos, com um trabalho que ia além de narrar e comentar os jogos.

“A ESPN teve um papel decisivo para o crescimento do esporte. O que eles fizeram desde o início dos anos 2000, principalmente com o Everaldo e o Paulo Antunes foi muito importante. A forma como conduziam as transmissões, a elaboração de um manual com as regras do jogo, as interações constantes nas redes sociais, são algumas coisas que fizeram a diferença para a audiência da NFL crescer com o tempo.”

Pedro também diz que o trabalho do Esporte Interativo, o qual esteve envolvido como comentarista, também foi relevante por apresentar o esporte, que já vinha em uma ascendente, para um público diferente.

“A gente lá no Esporte Interativo teve um papel muito importante também, já que estávamos transmitindo em TV Aberta nas parabólicas. Isso apresentou para muita gente que sequer conhecia o esporte, já que a ESPN só transmitia pela TV Paga. Recebíamos muitos relatos de pessoas na época que ligaram a TV e se depararam com aquele esporte meio doido e acabaram ficando, e depois virando fã. É uma coisa que me orgulho bastante”, completou.

Futebol americano brasileiro

Ester Alencar, que é jogadora da equipe feminina do Curitiba SilverHawks e da seleção brasileira de Flag Football (adaptação do futebol americano), vê as transmissões da NFL na TV como uma porta de entrada para a prática do esporte. Ela cita uma ação da BFA, liga brasileira de futebol americano, com a ESPN como exemplo dessa influência.

“Em 2019 a Liga BFA conseguiu um acordo com a ESPN para passar os melhores momentos dos jogos nacionais nos intervalos da NFL, e isso ajudou muito na exposição, para quem já era fã da NFL e também na procura pela prática do esporte.”

Contudo, quem chega ainda vê um cenário precário. Pedro Pinto, que também jogou pelo Botafogo Reptiles antes de seguir caminho na comissão técnica, diz que o maior problema é a falta de investimento. O técnico relata que a maioria dos times tem pouco ou quase nenhum patrocínio, o que faz com que os jogadores precisem pagar todos os custos para a prática da modalidade.

“Nenhum atleta é pago para jogar, todos tiram dinheiro do próprio bolso para poder estar ali. O jogador tem que comprar seu próprio capacete, shoulderpat, bola, chuteira, pagar a passagem de ônibus para os jogos fora de casa, sacrificar seu próprio fim de semana, já que os treinos e jogos são sábado e domingo. Quem está lá é puramente por amor ao esporte, já perdemos vários e vários talentos simplesmente porque não tem apoio.”

Pedro afirma que um investimento pequeno já ajudaria bastante, tendo em vista que os custos hoje são minimizados ao máximo. Ele ainda defende que o esporte pode render retorno as empresas.

“Se uma empresa coloca 20 mil reais por ano em uma equipe já iria resolver a maioria dos problemas. Óbvio que o retorno não vai ser o maior, mas existe um público que assiste os jogos. Você vê os casos dos times do Flamengo e do Vasco, muitos torcedores compram a camisa das equipes de futebol americano, tem uma visibilidade.”

Esther Alencar reforça que o dinheiro é uma das grandes dificuldades para o desenvolvimento da modalidade. Ela conta que muitos dos atletas precisam fazer bicos e trabalhos à parte para sustentar a paixão. A paranaense, que também atua com treinadora em equipes masculinas, ainda cita mais um problema, os conflitos políticos entre dirigentes de federações e equipes pelo Brasil.

“Existe uma dificuldade em nível de organização dentro do esporte. Problemas dentro das entidades que dirigem o esporte, richas e brigas políticas que atrasam alguns avanços. E isso atinge em nível de equipe também, muitas vezes os gestores não têm uma maturidade e consciência para realmente fazer um bom trabalho.”

A curta história do futebol americano no Brasil já é cheia de confusões fora das quatro linhas. O primeiro campeonato nacional criado foi o Torneio Touchdown, que em 2009 reuniu oito equipes de seis estados. No ano seguinte, um racha interno na organização veio seguido da saída de alguns times para formar uma nova liga.

Esvaziada e perto de decretar seu fim, o Torneio Touchdown encontrou um novo investidor, o filho mais novo do ex-presidente Lula, Luís Claudio Lula da Silva ao lado da sua empresa, LFF Marketing Esportivo. Logo na primeira temporada sob nova administração, o campeonato teve três empresas multinacionais como patrocinadoras e a inclusão de diversos times.

Apesar de nunca sair do amadorismo, o torneio conseguia distribuir uma bolsa de R\$ 20 mil reais para cada equipe custear viagens e equipamentos, além da final ser transmitida na TV. Contudo, em novembro de 2015 uma busca e apreensão da Polícia Federal na sede da empresa de Lulinha, como parte da Operação Zelotes, que investigava desvios no Conselho de Administração de Recursos Fiscais na época que seu pai era presidente, mudou o cenário. Os dirigentes das equipes, receosos que a investigação respingasse no esporte, saíram em conjunto do torneio, o que decretou o fim da competição.

Atualmente, o principal campeonato nacional de futebol americano é a Liga BFA, organizada pelas próprias equipes e que soma mais de 60 times em duas divisões. Ainda

assim, agora em novembro a CBFA divulgou uma nota onde afirma que irá realizar sua própria competição nacional em 2022, o que provavelmente fará com dois campeonatos brasileiros aconteçam simultaneamente ano que vem.

Pandemia e atualidades

Por causa da pandemia de Covid-19, o futebol americano ficou completamente paralisado no país. As equipes voltaram as atividades apenas no final deste ano, com a realização de alguns torneios estaduais, como o Mineiro e o Paranaense.

Pedro Pinto ressalta que ainda é difícil medir o real impacto que a pandemia vai trazer para a prática do esporte, mas destaca que vários atletas não retornaram aos treinos.

“Não dá para medir ao certo o impacto que isso vai ter no médio prazo, mas o que eu já sei com a volta recente aos treinamentos aqui no Rio de Janeiro é que as equipes perderam atletas, seja porque eles mudaram seus planos de vida ou porque não tem mais condições de bancar os custos para prática do esporte.”

Uma das competições mais importantes neste retorno é o Mundial de Flag Football. A modalidade é uma variação do futebol americano, usa a mesma lógica do esporte base, mas sem o contato físico direto.

A maioria dos atletas de Flag no Brasil também praticam o futebol americano convencional. Além disso, a mesma confederação, a CBFA, comanda os dois tipos do jogo no país.

O torneio acontece no começo de dezembro em Israel e é o mais importante da história da modalidade. Pela primeira o Flag vai fazer parte dos Jogos Mundiais, uma espécie de Olimpíadas com esportes não inseridos no programa olímpico, e o Mundial irá dar as oito vagas.

Pela primeira vez o Brasil classificou equipes nos dois gêneros, mas que para poderem ir ao Oriente Médio precisaram passar por muitas dificuldades. Sem o dinheiro para pagar a taxa de inscrição da competição e as passagens, os atletas tiveram que fazer rifas, vender camisetas e livros, organizar campanhas de doação, entre outras formas de arrecadar verba.

Ester Alencar, atleta da seleção brasileira e que irá Israel, diz que o processo para obter o dinheiro tem sido bastante desgastante e pesado. A jogadora relata que a maior

dificuldade foi trabalhar para obter a verba ao mesmo tempo que se preocupa com as outras funções do dia a dia.

“Como atleta você tem que se dividir em pensar como vai atingir as pessoas para que elas conheçam seu esporte e decidam te doar dinheiro, e paralelamente, trabalhar, treinar, estar em alto nível. São muitas funções e teoricamente não deveria ser assim. Felizmente está dando certo, mas tem sido bastante intenso e pesado.”

Ester também comentou as expectativas para a participação da seleção no Mundial. Ela conta que o objetivo é melhorar a performance do último campeonato, que aconteceu em 2018 no Panamá.

“Acredito que a gente evoluiu muito nos últimos anos, tanto como atletas, no jogo, o entrosamento da equipe, quanto a comissão técnica, que vem fazendo um excelente trabalho. Nosso objetivo é melhorar a posição do último Mundial, onde ficamos em sexto, e consequentemente classificar para os Jogos Mundiais, o que seria uma grande conquista para o esporte no país.”